

---

## UM NORDESTE EM SÃO PAULO

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo**: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. 346 p.

Camilo Buss Araujo<sup>1</sup>

### MIGRAÇÕES E LUTAS SOCIAIS NA PERIFERIA PAULISTANA

**Palavras-chave:** trabalhadores, imigração, São Miguel Paulista.

**Keywords:** workers, immigration, São Miguel Paulista.

Os debates em torno do processo de migração rural/urbana, que transformou a vida de milhares de pessoas nos anos 1940 e 1950, ganharam um importante incremento com o livro *Um nordeste em São Paulo*: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66), de Paulo Fontes, professor vinculado ao Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC). O livro é resultado de sua pesquisa de doutorado, defendida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na qual procurou analisar as múltiplas sociabilidades e experiências que forjaram os trabalhadores brasileiros no período entre 1945 e 1966, especialmente os migrantes nordestinos. O autor faz parte de um grupo de pesquisadores da história social que tem ampliado o debate historiográfico sobre o período que precedeu o golpe militar de 1964, procurando compreender as diversas dimensões da experiência de classe num momento marcado por intensas transformações urbanas e políticas.

Desenvolvido a partir de uma extensa pesquisa documental e um arguto trabalho de análise, *Um nordeste em São Paulo* contribui para a compreensão de aspectos tantas vezes vilipendiados por parte da historiografia dedicada às classes trabalhadoras – que

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista FAPESP.

tomou como espaço privilegiado de investigação as lutas nos meios de produção e a atuação política nos sindicatos. Paulo Fontes vai para além deste conhecido terreno, tentando compreender as influências do processo migratório na formação da classe trabalhadora brasileira e a importância das sociabilidades urbanas e das experiências no ambiente de moradia para a construção de identidades. Isto não significa que as relações sociais tecidas no chão da fábrica sejam marginalizadas. No entanto, o estudo centra-se nas confluências entre as experiências nos espaços de moradia e trabalho para a construção das noções de cidadania e direitos entre os trabalhadores urbanos.

Em sua apresentação do livro, o autor situa teórica e historiograficamente as questões por ele tratadas, como o estudo de bairros, o populismo e as migrações internas. Nesta parte residem as reflexões teóricas mais densas e que servirão como pano de fundo para a narrativa dos capítulos posteriores. Ao dialogar com historiadores e cientistas sociais, embasado em farta bibliografia, nacional e internacional, Fontes enseja os caminhos e as perspectivas que pretende seguir.

Neste sentido, o estudo circunscreve-se no bairro operário de São Miguel Paulista, periferia paulistana. O estudo de um bairro, entretanto, não restringe as análises do livro. Ao contrário, ao reduzir o espaço geográfico analisado, Fontes procura investigar os diferentes elementos presentes no cotidiano das classes trabalhadoras, responsáveis por suas identificações sociais e políticas. Ao centralizar sua análise no bairro de São Miguel Paulista, o autor insere-o nas dinâmicas dos conflitos que permeiam a cidade e evidencia a teia que o conecta com questões mais amplas, nacionais e internacionais. O bairro, nesta perspectiva, é percebido como espaço no qual se criam e modificam as sociedades, se forjam as classes e suas relações, onde as pessoas experimentam distintos modos de vida e negociam igualdade de direitos. Em suma, o bairro, suas conexões e experiências, é o espaço por onde caminha a pesquisa e se fundamentam empiricamente as análises.

A seqüência do livro é composta por cinco capítulos, que podem ser divididos em duas grandes partes. A primeira delas compreenderia os três primeiros capítulos, cujo objetivo principal seria apresentar o fenômeno das migrações nordestinas para a capital paulista e a construção das sociabilidades dos trabalhadores no bairro. Ao reconstruir as trajetórias de migrantes nordestinos para São Miguel Paulista, o autor comprova que o ato migratório não era um movimento irracional, resultado apenas das difíceis condições econômicas no ambiente rural que faziam com que as pessoas, impensadamente, se

deslocassem em direção aos centros urbanos. A partir do cruzamento de diversas fontes, como entrevistas, atas da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, anais da câmara de vereadores, revistas sobre migração e colonização dos anos 1950, jornais, o autor conclui que o ato de migrar era uma ação consciente e meticulosamente planejada. O trabalhador, ao optar por largar o ambiente rural, não vinha somente com a idéia de melhores salários, mas com a noção de que na cidade teria seus direitos assegurados: formalização dos vínculos de trabalho, acesso a serviços hospitalares e educação.

No entanto, como mostra Paulo Fontes, o migrante, ao chegar ao bairro e conseguir trabalho, descobre que o progresso almejado não chegava automaticamente, mas precisava ser continuamente reivindicado e negociado. Desta forma, o autor analisa a construção da identidade nordestina no bairro, a influência da empresa Nitro Química na vida dos moradores e os diversos espaços – como Igreja, futebol, bares, cinemas e bailes – na formação do sentimento de coletividade. Entretanto, não escapam ao autor os momentos em que os atores sociais se inseriam desigualmente nestes espaços ou quando eclodiam as tensões e divergências. O bairro, como mostra, não era um todo homogêneo e as diferenças se expressavam tanto geograficamente – com divisões espaciais que refletiam hierarquias sociais, como áreas destinadas a cargos mais bem remunerados da fábrica, ou distinções regionais, em espaços onde residiam migrantes de um mesmo estado do país – quanto socialmente, em conflitos oriundos de rivalidades regionais e políticas.

Ao analisar, nos capítulos 4 e 5, as formas como as questões políticas incidiam na vida do bairro, o livro atinge seu clímax. Se, na primeira parte, a análise derruba os argumentos que consideravam o ato migratório como uma reação às condições econômicas do ambiente rural, reforçando as articulações e a consciência do migrante, nos capítulos finais a atenção recai sobre as imbricações entre o cotidiano dos trabalhadores e as questões políticas da cidade. Ao abordar as relações sociais no bairro e as diversas formas de negociação dos trabalhadores junto aos grupos políticos, o autor amarra a construção de identidades e as sociabilidades, descritas nos capítulos anteriores, às escolhas e formas de expressão política dos trabalhadores.

Nesta parte final, o autor demonstra a grande influência do PCB entre os moradores, a ilegalidade do partido em 1947 e a abertura de espaço para políticos cortejarem os trabalhadores, como foi o caso de Adhemar de Barros e Jânio Quadros. Analisa também as Sociedades Amigos de Bairro e o Círculo Operário como espaços

políticos, além dos embates em torno da emancipação administrativa do bairro em relação à cidade. No entanto, e este é um ponto fundamental, o potencial eleitoral tanto de Jânio quanto de Adhemar não sugere cooptação ou subordinação dos trabalhadores. Ao contrário, a negociação era um componente constante, e se estes eram os ganhadores do processo eleitoral, era porque se dispunham a cortejar e atender as demandas do bairro. A clara noção de negociação política presente nos moradores de São Miguel Paulista, como demonstra o autor, constrói-se na trajetória das experiências, que não se restringem ao ambiente de trabalho, mas perpassam as diversas formas de sociabilidade dos trabalhadores. Ao historicizar estas experiências, o autor derruba o argumento que atribuía à origem rural do operariado brasileiro a responsabilidade por sua fácil cooptação pelos políticos chamados de populistas.

Para alguns intelectuais dos anos 1950 e 1960, entre eles Juarez Brandão Lopes, Leôncio Martins Rodrigues e Gino Germani, haveria uma divisão estrutural no país que opunha rural e urbano, este sinônimo de progresso, aquele de atraso. Neste sentido, o fenômeno migratório implicaria mudanças nas configurações do espaço urbano, bem como nas relações sociais estabelecidas, uma vez que o migrante traria consigo resíduos de culturas tradicionais, dificultando sua identificação com a condição operária. A origem rural destes migrantes, marcada pela dominação paternalista, era a razão de uma suposta passividade e apatia política, tornando-os presa fácil do discurso de líderes carismáticos. Apesar destas concepções serem duramente criticadas no final dos anos 1960 e 1970, todavia, as influências das migrações no processo de formação da classe trabalhadora brasileira permaneceram pouco analisadas.

Nesta perspectiva, o trabalho de Paulo Fontes nos ajuda a compreender estas e outras questões recentemente debatidas, como as relações entre Estado, política e trabalhadores. Ao adentrar nos meandros do bairro e investigar as complexas relações sociais tecidas por seus moradores, evidencia-se que não se pode analisar os processos políticos na capital paulista somente a partir das relações entre Estado e sindicatos. O poderio eleitoral de candidatos como Jânio Quadros e Adhemar de Barros, como mostra a análise de Fontes, assentou-se em articulações ligadas às demandas urbanas dos trabalhadores, enfatizando a condição de morador em busca de direitos negligenciados pelos poderes públicos. As tentativas de se atender prontamente as demandas populares, com apoio dos cabos eleitorais e associações de bairro, geravam disputas entre os

correligionários dos diversos partidos, que freqüentemente chegavam às “vias de fato”. Mais do que um pacto ou projeto trabalhista, no qual governantes e trabalhadores negociavam suas aspirações tendo o sindicato como espaço privilegiado, o autor demonstra que a política paulistana partia de ações organizadas por associações de bairro, que tematizavam as questões locais e urbanas como questões políticas. Foi a partir destas experiências que, como bem demonstra Paulo Fontes, os homens e mulheres de São Miguel Paulista forçaram a inclusão de suas pautas locais na agenda da grande política.

Diante disso, *Um nordeste em São Paulo* torna-se leitura fundamental para aqueles que desejam compreender as múltiplas relações que envolveram os trabalhadores paulistanos durante a “república populista”. Assim como torna-se indispensável para os interessados em compreender a inserção de milhares de migrantes nos ambientes urbanos. Através de uma narrativa clara, elaborada a partir de uma pesquisa séria junto a uma gama variada de fontes, o autor escreveu um livro que agrada não apenas ao público acadêmico, mas todos aqueles interessados nos temas por ele abordados.